



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

LAIZA DA ROCHA ARAÚJO

**PEDRO DE ANDRADE E O CULTIVO DAS RAÍZES POR ELE ELEGIDAS
EM 1981 PARA A CIDADE DE AROEIRAS/PB: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA**

CAMPINA GRANDE – PB

2020

LAIZA DA ROCHA ARAÚJO

**PEDRO DE ANDRADE E O CULTIVO DAS RAÍZES POR ELE ELEGIDAS
EM 1981 PARA A CIDADE DE AROEIRAS/PB: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como cumprimento aos requisitos à obtenção do título de graduado em Licenciatura plena em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a. Hilmaria Xavier Ribeiro

CAMPINA GRANDE – PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663p Araujo, Laiza da Rocha.

Pedro de Andrade e o cultivo das raízes por ele elegidas em 1981 para a cidade de Aroeiras/PB [manuscrito] : uma análise historiográfica / Laiza da Rocha Araujo. - 2020.

37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020.

"Orientação : Profa. Dra. Hilmária Xavier Ribeiro, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Aroeiras - Paraíba. 2. Historiografia. 3. Identidade. 4. Narrativa histórica. I. Título

21. ed. CDD 907.2

LAIZA DA ROCHA ARAÚJO

**PEDRO DE ANDRADE E O CULTIVO DAS RAÍZES POR ELE ELEGIDAS EM
1981 PARA A CIDADE DE AROEIRAS/PB: UMA ANÁLISE
HISTORIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão De Curso em forma de artigo apresentado à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Área de concentração: História Local.

Aprovado em: 01/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Hilmária Xavier Ribeiro

Prof.^ª Dr.^ª Hilmária Xavier Ribeiro (orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Jordan Queiroz Gomes

Prof. Dr. Jordan Queiroz Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

José dos Santos Costa Júnior

Prof. Me. José dos Santos Costa Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. PEDRO PAULO DE ANDRADE - UM ILUSTRE CIDADÃO ABASTADO	08
3. ESCOLHENDO O ADUBO PARA AROEIRAS CRESCER – A ANÁLISE	11
4. UM AFORISMO ATRAVÉS DE UM MEMORIALISTA	17
4.1 Identidade Nacional: Os Memorialistas Locais e a História “Oficial”	19
5. O SEGUNDO AFORISMO: A REPRESENTAÇÃO	22
6. OLIVIA BARBOSA: OUTRA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE AROEIRENSE	25
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	32

RESUMO

A finalidade do seguinte trabalho é analisar de maneira historiográfica a obra *Aroeiras Sua História* feita pelo memorialista Pedro Paulo de Andrade no ano de 1981 que de maneira pioneira elencou e narrou os fatos que marcaram Aroeiras desde a sua colonização. Pretende-se entender através dessa análise as motivações de Pedro de Andrade em construir essa narrativa que voltada ao âmbito da “história oficial” que conhecemos perpetuou-se como uma identidade aroeirense. Aqui precisaremos observar o seu lugar social e como ele se põe em sua própria escrita, os personagens e eventos que ele escolheu para registrar a história da cidade, onde o título carrega em si uma abrangência, mas o conteúdo da obra prende-se as escolhas tendenciosas do autor, restando-nos informações importantes sobre o município e na mesma medida dados dos vultos heroicos que pouco participaram da construção de Aroeiras. Para isso trabalharemos com o conceito de identidade através de Stuart Hall (2006) e com Roger Chartier (1990; 1991) o conceito de representação, pois aqui entendemos esses dois aportes intimamente interligados, além de Sandra Jatahy Pesavento (2008) para pensarmos memória. A fonte primordial é o livro *Aroeiras Sua História*, que pertence a trilogia de Pedro de Andrade sobre Aroeiras.

Palavras-chave: Aroeiras. Pedro de Andrade. Identidade. Narrativa.

ABSTRACT

The purpose of the following work is to analyze historically the work *Aroeiras Sua História*, made by the memorialist Pedro Paulo de Andrade in 1981, which in a pioneer way lists and narrates the facts that have marked Aroeiras since its colonization. It is intended to understand through this analysis the motivations of Pedro de Andrade to build this narrative that turned to the scope of the “official history” that we know is perpetuated as a aroeirense identity. Here we will need to observe his social place and how he puts himself in his own writing, the characters and events that he chooses to record the history of the city, where the title carries a range, but the content of the work is linked to the choices tendencies of the author, leaving us with important information about the municipality and, to the same extent, data from the heroic figures who had little participation in the construction of Aroeiras. For that, we will work with the concept of identity through Stuart Hall (2006) and with Roger Chartier (1990; 1991) the concept of representation, because here we understand these two closely interconnected contributions, in addition to Sandra Jatahy Pesavento (2008) to think about memory. The primary source is the book *Aroeiras Sua História*, which is Pedro de Andrade's first production.

Keywords: Aroeiras. Pedro de Andrade. Identity. Narrative.

1 INTRODUÇÃO

A arte de narrar fatos, de registrar uma história e assim se registrar na história, me parece uma arte transcendental, quando tratamos da escrita de um memorialista, que não precisa preocupar-se com os métodos e técnicas de um historiador. Como os caminhos foram traçados por todo este tempo, ou por determinado período de tempo? Isso pode ser respondido de forma rápida, resumida e convincente, para isso basta que abramos um livro com o tema desejado, e o autor exporá todas as informações necessárias para uma resolução prática de dúvidas do cotidiano.

A história para os leitores é diferente daquilo que quem escreve, ou para quem tem um olhar mais aguçado para a historiografia, entende e percebe. Aquilo que o leitor está recebendo é diferente dos ideais envolvidos por trás de sua escrita. Todo o processo envolvido nesta escrita é demorado, marcado por atribuições pessoais ou de uma conjuntura de envolvidos que desejam essa escrita, ou seja, a carga atribuída a determinado assunto torna-se tendencial, vai de acordo com quem escreve, vai de acordo com quem encomenda essa escrita.

Através dessa leitura sutil, que é feita pelo público que vai consumi-la, as indagações poderão ser feitas, na medida em que revelam signos, tendo em vista que: “uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos” (CHARTIER, 1991, p. 181). Com essa releitura da leitura poderemos identificar as opções do autor, o que ele escolhe para mostrar e o que, automaticamente, ele deixará de fora deste recorte que ele deseja chamar de escrita da história.

Toda essa discussão será levada para a obra *Aroeiras Sua História* do político memorialista Pedro Paulo de Andrade que viveu em Aroeiras/PB boa parte de sua vida constituindo-se como comerciante, político e eleito a variados cargos públicos. Busca-se aqui entender como essa figura que se perpetua como importante para aquela localidade pretendeu se fixar na memória, contando suas memórias e assim criando uma identidade para a cidade, pois a partir do momento que lança-se como pioneiro nessa busca por uma narrativa o seu nome já é

registrado na história da cidade, mas para além desse registro de autor, o que queria Pedro de Andrade?

Estes apontamentos vão dar origem as obras mais conhecidas e mais requisitadas no campo da História, muitas vezes escritas por personagens que passam longe de uma formação acadêmica em História, mas que se perpetuam através destes olhares pífios, olhares que não indagam, que não processam informações, olhares apenas receptores. Não podemos deixar de notar e creditar essas obras como obras que se caracterizam como importantíssimas dentro da História, devemos utiliza-las como fontes, pois geralmente elas contêm uma gama de assuntos necessários a escrita, assuntos de cunho biográfico, só devemos fazer essa releitura com todos apontamentos sociopolíticos já citados, refinando o olhar para uma análise mais justa que Clio necessita e que pode ser de fato chamada de história, que represente e identifique tudo aquilo que está se dispendo, não apenas a parcela de um todo.

Com esse breve comentário acerca das narrativas de Clio deveremos agora tratar do tema que move essa escrita, o que está para além dessa abertura: a escrita de uma narrativa, que podemos identificar como a criação de uma identidade para uma cidade, a primeira produção historiográfica desta urbe do interior da Paraíba, escrita anos após a sua emancipação política, com sua população pequena, mas heterodoxa, escrita por um político que pertence a uma classe social abastada e de destaque, ou seja, dentro de padrões que são visto com bons olhos dentro de um padrão que está enraizado como bom, como certo.

A cidade de Aroeiras está localizada no agreste paraibano, com uma população estimada em 19 153¹, passará por todo o processo de colonização europeizada que já é conhecido, trilhando-se pelos estágios de povoado e vila até sua emancipação política que acontecerá em 02 de dezembro de 1953, até então pertencia a cidade de Umbuzeiro².

A escrita que se analisa aqui é a de Pedro Paulo de Andrade em uma de suas obras, intitulada: *Aroeiras - sua história*. Apenas pelo título escolhido já podemos identificar a abordagem que a obra precisa fazer, contar a história, até então não registrada da cidade de

¹ A cidade de Aroeiras localiza-se na região metropolitana de Campina Grande, possui 374,674 km² de território, além da população já vista. Esses são dados do último censo de 2019 feito pelo IBGE.

² Umbuzeiro está há 38,7 km da cidade de Aroeiras, tendo 9 298 habitantes, de acordo com as últimas pesquisas do IBGE. A cidade ainda é identificada como berço de figuras ilustres da história nacional como é o caso de João Pessoa e Epitácio Pessoa.

Aroeiras, com todas as nuances envolvidas desde o seu povoamento até sua emancipação, ou passando pelo período que denominamos de modernização, com a chegada de signos que tratem disso, já que a obra de Paulo de Andrade foi publicada apenas em 1981, por todo esse percurso, durante vários anos, a história que quer se narrar se estende por muitos âmbitos, são muitos os acontecimentos encenados neste palco.

Então como essa narrativa de Paulo de Andrade foi montada? Qual a versão da história de Aroeiras será encaixada em seu recorte que com propriedade denomina-se: *Aroeiras – Sua História*. Toda a história esteve nela abordada? Todos os personagens citados são a representação de identidade aroeirense? Quem ficou dentro e fora de sua narrativa? Todas essas perguntas são necessárias, para entendermos o fazer histórico que foi perpetuado neste contexto interiorano de uma narrativa interior.

Para isso usaremos primordialmente como fonte a obra de Pedro Paulo de Andrade (sobre Aroeiras ele escreveu três livros) *Aroeiras Sua História*, ainda utilizaremos a obra de outro memorialista Aroeiras, 2003 para entender como Pedro de Andrade será visto nessa escrita póstuma. Teoricamente usaremos os conceitos de Identidade através de Stuart Hall (2006) que ligar-se-á ao conceito de Representação que aqui será abordado com Roger Chartier (1990; 1991), e ainda o conceito de Memória através de Pesavento (2008).

O texto desenvolve-se dentro de quatro tópicos principais. O primeiro tópico tratará de uma apresentação de Pedro Paulo de Andrade já tecendo comentários sobre a obra, pois a vida e a narrativa sobre Aroeiras fundem-se nas páginas de seu livro. O segundo ponto consiste em uma análise da obra, expondo todas as vertentes de seus capítulos. Em um terceiro momento abordaremos os conceitos de identidade e representação, apontando como isso é feito dentro da obra *Aroeiras Sua História*. Já para fechar essa abordagem teremos um diálogo com a última parte da obra “uma carta aberta ao autor” observando como a obra é entendida por seus leitores e quais são os destaques da história de Aroeiras para estes.

O nosso objeto de pesquisa foi escolhido através da dificuldade de fontes escritas a respeito da cidade a qual faço parte, Aroeiras apresenta essa carência quanto as fontes “primárias” escritas, partindo disso sempre houve uma insatisfação pessoal com o que é disposto. Assim já se nota a necessidade de um estudo dessas poucas fontes, fazendo-se necessários esses questionamentos acerca do que é dito e não dito, onde esse trabalho já imprime sua importância

para o campo historiográfico, frisando que essa análise agrega e vem para complementar as produções historiográficas existentes sobre a cidade³, onde o leitor poderá inquietar-se com essa ausência de documentos escritos, de abordagens sobre eles.

2 UM ILUSTRE CIDADÃO ABASTADO

Poucos são os registros escritos sobre Aroeiras e assim estende-se a Pedro Paulo de Andrade, mas isso não nos impossibilita de analisar esse personagem que compõe e forma este lugar, pois ele estará presente em lugares de destaque, como enfatizará outro memorialista da cidade, dando-nos o entendimento de que ele foi ativo no cenário político e comercial aroeirense, e com isso para a sua época precisaria ser de família abastada, já que a elite da cidade era composta em suma por comerciantes, restado ao que se refere a grande parcela da população o trabalho com agricultura, pecuária, plantios de algodão e transporte de cargas de burro.

E assim vai tomando pé
 nos riachos da memória
 e se formando a história
 desse povo soberano.
 E as pedras vão se juntando
 criando estabilidade
 e o grande Pedro de Andrade
 junto a mais outros talentos
 vão se tornando cimentos
 na construção da cidade... (Aroeiras, 2003, p. 35).

Nascido em 24 de abril de 1898 como nos mostra sua própria obra, que em partes dedica-se a sua vida, nas primeiras sete páginas do livro já percebemos esse destaque para Pedro de Andrade (que são escritas por personagens diferentes de seu convívio, que exaltaram e

³ FIGUEIREDO, M.S. de. **Os usos políticos e sociais do serviço de som "A Voz da Prefeitura de Aroeiras" na gestão do prefeito Sebastião Souto Maior (1955-1959)**. 2017. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

GOMES, Iordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)**. 275f. 2012. (Dissertação de Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2012.

OLIVEIRA NETO, M. G. de. **Nas malhas do tempo: repensando a presença humana no território de Aroeiras a partir dos vestígios pré-históricos**. 2020. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020.

Silva, B. J. G. da. **Resistência e fé: práticas de benzeção na zona rural de Aroeiras - PB**. 2014. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2015.

aplaudiram sua escrita pioneira) dedicou-se em primeiro plano ao comércio, após sua chegada a cidade de Aroeiras, posteriormente assumiu outros cargos públicos de confiança e de prestígio popular.

Outro aspecto a respeito da vida política de Pedro de Andrade merece a nossa atenção, pois são nestes detalhes que desencadeamos informações necessárias a essa análise de sua narrativa, a construção e escolha de seus personagens e datas marcantes, perante a nossa carência com documentação escrita e/ou acessível. O partido que nosso memorialista pertenceu trata-se da UDN - União Democrática Nacional – partido de cunho conservador, que representou a direita no Brasil no período em que esteve ativo, sendo participantes majoritários de seu núcleo as oligarquias e por consequência personagens elitistas, como no caso de Pedro de Andrade no que se diz respeito a elite de uma cidade recém emancipada e pequena e de acanhada relevância numa conjuntura política nacional.

29 de novembro de 1955 – Instalada a Primeira Câmara Municipal com a seguinte constituição: Presidente – Pedro Paulo de Andrade; Vice – Antonio Pedro dos Santos; 1º Secretário – Silvino Fernandes de Moura; 2º Secretário – João de Brito Lira, todos da UDN. O partido Social Democrático (PSD) elegeu: Antonio Tavares de Lira; Manoel Siqueira Luna (Neco Luna); Olegário Herculano do Nascimento. (ANDRADE, 1981, p. 42).

Através da escrita de Aroeiras, 2003, notamos que assim como Pedro de Andrade sua intenção, por meio dos versos de sua obra, foi de engrandecer personagens que demonstrem força, poder e dignidade, para ascender a ideia de uma Aroeiras boa em todos os possíveis quesitos que a cidade pode oferecer, gerando e perpetuando essa identidade de grandes nomes/heróis que dispomos, assim como os grandes acontecimentos que gerem a formação de um lugar.

Pedro Paulo de Andrade, junto com sua narrativa, perpetuou-se na história da cidade, pois como político ativo da primeira eleição que em Aroeiras ocorreu “eleito pelo partido da UDN em 1955”, (Aroeiras, 2003 p. 69), atuou como presidente da Câmara dos Vereados que recebe o seu nome (Casa Pedro Paulo de Andrade) enfatizando assim seu respeito popular, conforme ocorriam essas eleições em cidades interioranas e recém emancipadas.

Começa a veracidade
do conflito eleitoral
a Câmara Municipal
primeira em nossa cidade...
Preside Pedro de Andrade

com os seus vereadores. (Aroeiras, 2003, p. 69).

Tendo em vista estes apontamentos sobre o papel social de Pedro Paulo, entendemos seu interesse pela cidade, como cidadão de destaque e conhecido entre os considerados maiores, a maneira de sua narrativa para Aroeiras demonstra-nos seu lugar de fala, ele destacou-se como político e para isso precisava ter poder aquisitivo para lançar-se ao pleito e assim “lutar por Aroeiras”. Sua escrita voltada para os grandes nomes e personagens, fugindo da cultura e cotidiano, recortou a história conforme a suas perspectivas e escolhas de elite e para uma elite, permitindo que seu nome ficasse marcado nessa história por ele criada e dita como história de Aroeiras “Foi o primeiro Aroeirense a pensar seriamente na história dessa terra e este será mais um motivo para que seja lembrado para sempre por seus conterrâneos.”. (ANDRADE, 1981, p. 07).

“Mais um motivo para que seja lembrado” a narrativa de Pedro de Andrade servirá justamente para fechar sua passagem por Aroeiras, como um dos moradores importantes da cidade, comerciante de destaque em sua juventude, logo deixou as estivas, tecidos, calçados e chapéus para atuar em cargos públicos, por convite/indicação, mostrando o seu prestígio no local, prestígio esse que não seria disponibilizado a um “simples” morador que trabalhasse de sol a sol.

Um personagem que ocupará sempre lugar de destaque na história de Aroeiras é, sem sombra de dúvida, Pedro Paulo de Andrade. Ele foi político, comerciante, fazendeiro idealista e, enfim, um homem de fé. Sempre acreditou no sucesso desta terra, viveu com ela os seus momentos de alegrias, sofreu com seu povo e é um exemplo a ser seguido. Amou tanto a Aroeiras que chegou a considerar sua filha. (ANDRADE, 1981, p. 10).

É com esse discurso de pai, que Pedro de Andrade se colocou na história de sua própria obra. O pioneiro, um dos desbravadores, carro chefe para a escrita de uma “história”, mas a narrativa que encontramos é de pedaços de histórias de elites, de homens que em Aroeiras passaram, pois, os distintos cavalheiros citados, muitas vezes apenas nascem e seguem suas carreiras fora do município e o próprio Pedro de Andrade teria feito isso em um momento de sua vida.

Assim Pedro de Andrade ocupou os cargos de 1º suplente de Sub-delegado de Polícia, Inspetor Administrativo de Ensino e por 14 anos atuou como vereador, onde nos primeiros anos presidiu este cargo público, assim enfatizamos mais uma vez o seu lugar de fala ao escrever essa história da cidade, pois ele saiu do comércio local (que para o período já entendia-se como um

lugar de destaque social) para variados cargos públicos, onde em sua maioria eram concedidos através de convites, mostrando sempre o seu destaque diante da sociedade da época, para ser solicitado a ocupar tais funções.

Entende-se aqui que o livro *Aroeiras Sua História* narra fatos da cidade de forma sucinta, assim o título que é abrangente em suas três palavras, resume-se a poucos levantamentos da cidade (levantamentos importantes como registro escrito que se precisa ter) a crítica poderia se desfazer aqui, caso esse fosse o grande ponto, mas a questão de abordagem do autor é o nosso foco, pois Pedro Paulo ao escrever, grava o seu nome como pedra fundamental dessa cidade, destacando-se juntamente com poucas figuras, em suma masculinas, que passam pelas terras aroeirenses e muitas vezes não se demoram. Portanto precisamos notar essa escrita como uma escolha, que foi seleta em público, personagem e eventos, feita para agradar poucos, mas ainda mais feita para registrar o nome de um ilustre cidadão abastado: nosso autor Pedro de Andrade.

3 ESCOLHENDO O ADUBO PARA AROEIRAS CRESCER

A obra de Pedro Paulo de Andrade possui 54 páginas, contendo poucas figuras, com prefácio e comentários que foram redigidos por pessoas do convívio de nosso autor, sendo assim, essas páginas ainda serão reduzidas, restando menos de 50 para todo o assunto da História de Aroeiras que se quer abordar. Fazendo uma análise das datas comentadas, poderemos notar que o recorte temporal do autor se estende por várias fases (tendo em vista toda uma conjuntura nacional e até a nível mundial), a primeira data abordada será a do “descobrimento de Aroeiras” (que ainda não recebe essa nomenclatura) que se deu em 1815 e a data de publicação da obra é de 1981, teríamos então uma extensão de 166 anos de surgimento, povoamento, construção e fatos que aconteceram neste território.

Saindo das linhas mais técnicas dessa abordagem, entraremos agora no quesito conteúdos abordados em nossa obra. Assim como na escrita de nossa história nacional primeira, essa primeira escrita sobre Aroeiras precisava tratar dos fatos mais maciços que por aqui ocorreram, desse modo (e tendo noção da disponibilidade escassa de fontes escritas sobre a cidade) o primeiro capítulo da obra, que vai das páginas 11 a 15, trata de uma descrição geral do que Aroeiras dispõe, assim a abordagem fala da fauna e flora, orografia, agricultura, açudes, vilas e

escolas, tecendo comentários acerca das qualidades/quantidades/localização dos itens elencados, tratando-se de dados simples, mas que agregam notória importância como fonte escrita que a cidade emergencialmente precisa.

A cerca da colonização o autor deixou no segundo capítulo (páginas 16-18) o espaço de nosso *desbravador português* (vindo de Recife) Laurentino de Moura Varejão (como costuma ser romanticamente mencionado) que foi o primeiro herói corajoso a requerer por sesmarias as terras do que viria a se tornar Aroeiras, isso em 1815, onde lhes foi concedido por D. Pedro I. Laurentino de Varejão acaba sendo assassinado em 1825, nenhum registro é encontrado sobre este período após sua morte, sendo esses primeiros 10 anos o início de uma história que será seguida por uma lacuna “Depois da morte de Laurentino, pouco se sabe da história de Aroeiras [...]. É um período verdadeiramente obscuro, uma vez que até o presente nenhum documento foi descoberto que falasse e desse continuidade ao processo natural de evolução.” (ANDRADE, 1981, p. 18).

Eis que surgiram outros personagens para dar continuidade a este povoamento, que só se validou após 1831 (personagens estes que se perdem em sua própria história/memória). Chegamos assim ao capítulo III (páginas 19-25) que elenca nomes que contribuíram para o povoamento de Aroeiras, Pedro de Andrade citará a família Barbosa, Gonçalves, Andrade como pioneiras desse povoamento paulatino, que acontecia primeiramente nas localidades conhecidas por Massaranduba (ou Serra do Uruçu) e Manoelas, local próspero que já contava com uma feira, incentivando a chegada de novos personagens.

João Barbosa Monteiro, João de Souza Barbosa e seu irmão José de Souza Barbosa, deixaram Souza e chegaram à localidade de “Panela do Miranda”, no Estado de Pernambuco, quando havia rebelião por conta da abdicação de Pedro Primeiro e formava-se a Regência, em 17 de junho de 1831. Eles eram contra esta nova forma de governo, juntaram-se a soldados rebelados e, em confronto com forças legalistas, foram rechaçados. (ANDRADE, 1981, p. 19).

Nada mais satisfatório que ter o povoamento da cidade de Aroeiras relacionado as batalhas pelo governo de nossa querida metrópole Portugal, nada seria mais ilustre, se já pudessemos falar de nacionalismo/patriotismo, essa narração se encaixaria bem, com os mesmos desejos de nosso escritor pioneiro no IHGB. Então entre “grandes” acontecimentos e pulando de

sobrenome em sobrenome, veremos a narrativa percorrer entre os Barbosas Monteiro, Gonçalves, Andrades, Souzas.

O cenário mudara com a chegada de Antônio Gonçalves de Andrade que vai morar próximo ao Olho D'Água (Aricuru) que nosso primeiro desbravador (Laurentino Varejão) interessou-se, e que passou a promover momentos de lazer a vizinhança, tornou-se assim conhecido, passando a receber cada vez mais pessoas em sua residência e esses simples eventos alteram os rumos dos fluxos populacionais que Aroeiras recebia, assim Manoelas vai caindo no esquecimento como lugar próspero e a primeira das famigeradas feiras desse novo espaço foi pensada entre a família Monteiro e Andrade ocorrendo em 20 de novembro de 1881 em baixo de uma grande palhoça, recebendo várias denominações e ficando conhecida por todas elas: “Feira do Catolé dos Souza”, “Feira do Olho D’água das Aroeiras” até que chegamos a “Aroeiras” (ANDRADE, 1981).

A nova feira tornou-se conhecida e Aroeiras passa a progredir. Dando continuidade a narrativa de Pedro Paulo de Andrade, após a criação da feira e “órgãos” voltados a segurança desse ambiente, novas levas de personagens vão se encaixando e desenvolvendo em Aroeiras a agricultura e pecuária, os nomes citados na obra, ficam apenas na obra, pois a relevância para o cenário de construção da cidade não será tão grande (ou teriam merecido mais umas linhas de nossa escrita).

Outro recorte de tempo é feito, agora estamos em um período de 1916-1930 e o local já possui algo em torno de 25 ou 30 casas, entre bares e comércios. Esse período é marcado pela presença do cultivo de algodão aqui na cidade, comportava-se (juntamente com Gado Bravo) como um reconhecido Polo algodoeiro, exportando e fornecendo lucros a Umbuzeiro, motivações econômicas podem ter atrasado o processo de emancipação de Aroeiras, já que caminhava muito bem com suas próprias pernas, e sendo as pernas de Umbuzeiro. “Na região funcionavam quinze motores de beneficiamento de algodão e, na localidade vizinha de Gado Bravo, funcionava uma usina de algodão, por sinal uma das melhores do Estado e que recebia produto até do Estado de Pernambuco.” (ANDRADE, 1981, p. 24).

O polo algodoeiro era algo que sustentava as três localidades, interligadas politicamente, a economia neste período era voltada para esse cultivo, tantos serão os personagens que participam dessa história, mas quem estava dentro deste processo de plantio, colheita, manuseio,

ensacamento e transporte com as tropas de burros, não ficaram registrados nesta escrita de *Aroeiras – Sua História*. Os personagens que foram elencados nestas linhas são os “heróis” nacionais que já conhecemos, através de nossas narrativas oficiais (de institutos), assim como os seus cargos de “honra” que também serão expostos como algo que deve ser marcado e registrado para que as gerações futuras conheçam e se orgulhem de nosso quadro local nas histórias regionais, estaduais ou nacionais.

O progresso econômico como é natural motivou a evolução cultural e social bem como política. Desta forma surgiram as personalidades e entre outras destacaram-se: O capitão de campo José Severino da Silveira Calafange que, inclusive, participou da Guerra do Paraguai; tenente coronel José Resende de Melo, da Guerra Nacional; seu irmão Emiliano Francisco Resende Filho (Ioiô Resende); João Jerônimo Coutinho, que foi sub delegado de polícia e também mesário em sessões eleitorais, faleceu em 1903; João Georgino do Egito (secretário de seções eleitorais de 1886 a 1898), depois foi prefeito de Umbuzeiro; João Barbosa Neto, seu pai João Barbosa Monteiro Júnior; Ezequiel Francisco de Paulo (presidiu a primeira seção eleitoral, realizada no dia 1º de março de 1894) e Zeferino Constancio Pereira, foi eleito presidente da seção eleitoral no pleito preparatório do dia 2 de julho de 1905. (ANDRADE, 1981, p. 24).

Se de fato esses nomes que o autor nos cita tiveram algum ato de relevância na constituição/construção de Aroeiras, os fatos não são citados por nosso autor, apenas nomes com algum cargo de relevância que por aqui passaram, assim como tantos outros tropeiros que por Aroeiras seguiram caminho, dormiram e até constituíram família, mas que não receberam este espaço na escrita de Pedro de Andrade que tinha suas intenções para essa narrativa, de mostrar Aroeiras como berço de personagens importantes no cenário local/nacional.

Dois outros personagens ainda tiveram relevância nesta escrita, ficando a eles os capítulos quatro e cinco (p. 26-31) suas histórias ganharam mais espaço neste livro, espaço maior que os próprios fatos sociopolíticos. São eles José Resende de Mello e o Capitão José Barbosa Monteiro, o primeiro apenas residiu no que hoje conhecemos por ser participante da zona rural da cidade (Maçaranduba), já o segundo é aroeirense de berço e sua vida, romanticamente abordada, é toda dedicada ao serviço militar, sendo admirado após sua morte por jornais como A Gazeta, A União, O Jornal, sua morte ocorrerá em 1922.

[...]. Para mim há ainda uma coisa que amo e coloco acima de tudo – é a minha Pátria. Acho que a ideia ou a criação da Pátria é a concepção mais pura e cristalina, mais elevada e mais perfeita de que é capaz o espírito humano. E, portanto, visando a felicidade e a grandeza de minha Pátria que dedicar-lhe-ei, por menor que seja, qualquer parcela de minha atividade e do meu esforço. A minha Pátria sofrendo, eu sofro e será este o maior martírio que concebo. (ANDRADE, 1981, p. 28).

Tendo em vista esse discurso de nosso personagem abordado como herói, local e nacional, enfatiza-se assim a escrita que Pedro Paulo queria perpetuar, junto com uma identidade aroeirense, de pertencimento a este movimento de símbolos e vultos, que ligados a luta por uma defesa da nação exaltaria também a pequena Aroeiras, pois mesmo no período de vida e morte do Capitão José Barbosa Monteiro (1882-1922) o território ser denominado como Vila pertencente a Umbuzeiro, ele já carregava consigo o gentílico aroeirense, dando embasamento a esta narrativa e a criação de uma identidade que orgulhosamente poderia ser enraizada, exposta e apresentada para as futuras gerações.

Na abordagem de Pedro de Andrade, nos capítulos VI e VII (32-38) teremos informações interessantes sobre problemas que a cidade passou acerca das definições de seu território, em um primeiro momento com Campina Grande em 1949, sendo resolvido e tendo Aroeiras como “vitoriosa” nessa “confusão” de delimitação. Em 1961 com a mudança do governo de Campina Grande (de Elpídio de Almeida para Severino Cabral) os fiscais passam a cobrar impostos novamente no território de Aroeiras, em ambos os casos, Pedro Paulo de Andrade (autor de nossa obra), assumindo seus deveres quanto vereador, “Ocupava a presidência daquele Legislativo, o senhor Pedro Paulo de Andrade que de imediato iniciou a sua luta para que os limites do município de Aroeiras fossem respeitados.” (ANDRADE, 1981, p. 32) fez o alerta aos representantes populares de Aroeiras, para que assim resolvessem o conflito.

Tendo sido tudo resolvido com Campina Grande, chega a vez de Queimadas, após sua emancipação política, agir novamente em terras aroeirenses, após 1961 (a emancipação de Queimadas se deu em 14 de dezembro de 1961) iniciaram-se novas lutas judiciais que perduraram, tendo Pedro Paulo feito registros de que, até 1973, Queimadas ainda tentava requerer terras de Aroeiras, que por sua vez sempre saiu vitoriosa.

Na luta em defesa de seus territórios, Aroeiras sempre foi reconhecida como vitoriosa nas suas reclamações pois sempre o que fez foi solicitar que fosse cumprido o texto da Lei que rege a matéria, válida para todo o Estado. Nunca quis, o que não era seu, fato este reconhecido pelas autoridades a quem os reclamos foram feitos [...]. (ANDRADE, 1981, p. 37).

É notável o intuito de nosso autor (e indivíduo político) que participou de todo esse processo entre as lutas de terras, em representar Aroeiras como benevolente em todo este trajeto, que estava apenas mostrando que as terras faziam parte de seu território por Lei. Encontramos

assim mais um signo de nossa identidade criada, como boa, onde deve ser exposta e abordada e representada.

O capítulo VIII (páginas 39-44) traz uma listagem denominada: *As Datas Notáveis* – indo do “descobrimento”, passando pela construção de prédios e instituições, fatos políticos ou curiosos, destacando três datas que fazem referência a chegada de signos do moderno em Aroeiras: “28 de dezembro de 1918, foi inaugurado o telegrafo nacional; 1919 a povoação recebe o primeiro veículo motorizado; 16 de julho de 1936 inauguração do serviço de luz elétrica.”. (ANDRADE, 1981, p. 40-41). Veremos que algumas dessas datas em destaque serão voltadas para Pedro de Andrade dando ênfase a sugestões que ele fez, lutas que ele travou, ou fazendo menção a sua vitória eleitoral, quando passa a presidir a Casa Municipal que leva o seu nome.

Assim nosso autor encerra sua obra, restando-nos nas páginas seguintes algumas imagens da cidade e uma ‘Carta Aberta ao Autor do livro’ escrita por Olivia Barbosa, que se define como sobrinha do autor, das páginas 45 a 50, a carta merece e receberá uma atenção maior ao final deste nosso trabalho, pois a carta nos passa informações de uma memória, não podemos assegurar a classe social destas memórias, mas são mais descritivas do que as próprias palavras de nosso autor sobre o que era Aroeiras.

Entende-se até aqui que Pedro de Andrade não se preocupou em falar de Aroeiras de maneira crítica, sua intenção foi de expor o que a cidade poderia ter de melhor, os seus moradores, suas escolas, seu território e suas benevolentes lutas, não encontramos em sua narrativa uma exposição política do que no município foi vivido, deveríamos ter essa abertura tendo em vista que o autor foi um dos representantes públicos desde a primeira eleição no pós emancipação. Porque esses apontamentos importantíssimos no surgimento de mais uma cidade não nos é contado por quem viveu de perto?

4 UM AFORISMO ATRAVÉS DE UM MEMORIALISTA

Trabalhar o conceito de uma identidade é ir em busca de uma ligação entre pessoas, que acham num ponto, ou em um conjunto de pontos, singularidades entre si, entre um plural de

diferenças, algo que as ligam, tornando aquela característica um fator crucial para sua nomeação, sua identificação. Essa identidade pode ser definida de maneira “fácil”

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. (SILVA, 2000, p. 74).

Assim entendemos o conceito simples do que seria uma identidade. Mas esse conceito não para por aí, pois as identidades vão além, elas serão produzidas, e essa produção precisa de uma base, uma base no sentido de ir contra algo, pois não basta apenas definir com o que nos identificamos, pois ao fazermos essa alegação, automaticamente criamos o diferente, aquilo que não somos, ou seja, aquilo que é o outro e é do outro.

[...] na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser "inglês" devido ao modo como a "inglesidade" (Englishness) veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. (HALL, 2006, p. 48-49).

Já sabemos que a identidade é criada e isso implica em deixar de fora uma rede de diferenças, que são ditadas por um grupo social, cultural e político, que escolhem a qual identidade querem pertencer e assim originam novos padrões e símbolos, ou seja, uma identidade nada mais é do que uma produção social e cultural num determinado espaço de tempo e/ou ainda num espaço territorial, tendo este apontamento em vista, uma identidade criada poderá perder o seu sentido ao passar das mudanças temporais e culturais, podendo tornar-se anacrônica ou insuficiente “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.”. (HALL, 2006, p. 13). Onde ainda poderemos complementar:

A identidade “ser brasileiro” não pode, como vimos, ser compreendida fora de um processo de produção simbólica e discursiva, em que o “ser brasileiro” não tem nenhum referente natural ou fixo, não é um absoluto que existia anteriormente à linguagem e fora dela. Ela só tem sentido em relação com uma cadeia de significação formada por outras identidades nacionais que, por sua vez, tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas. Em suma, a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem. (SILVA, 2000, p. 80).

Assim sendo, ainda precisamos tocar em outro ponto que forma a identidade, na verdade o ponto central que cria e dá vida à identidade: o seu autor. O poder de quem dita uma identidade é inerente a todo esse processo, pois todo esse artifício de suscitar uma identidade (que automaticamente cria uma diferença e vice-versa) é um processo de inclusão e exclusão, de segregação social, uma forma de ordenar e dar significado ou que o autor tem em seu campo de visão e ao que ele pretende enquadrar no seu processo de identificação (seu e de uma classe/contexto social).

E é uma identidade que Pedro de Andrade quis imprimir para a Aroeiras em sua obra, a partir do momento que escreve essa primeira narrativa vemos sua intenção em elencar personagens importantes no cenário local/nacional, datas em que celebrem a chegada do moderno ao município, ele não se prenderá a práticas comuns/cotidianas da corriqueira rotina que poderíamos ter na época em que passou pelo seu lugar de estudo, pois o seu campo de visão e o seu lugar social impõe essa escrita voltada para “grandiosidades” que poderiam se fixar numa memória aroeirense, memória essa que não vem, não fica, pois sua obra limita-se a um público pequeno.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2006, p. 51).

Não seria necessário fazer este comentário, mas: quem cria uma identidade, automaticamente enquadra-se nela, mas para além disso, existe uma relação de poder por trás do processo, então os personagens que vão gerar uma identidade, geralmente seguirão um padrão de privilégios, de classes mais abastadas, seguindo uma hierarquia, que definirá também o outro, sua classe social e suas posições, pois como já fora dito, a identidade e a diferença dependem uma da outra como ponto referencial, sem uma a outra não existe.

Assim nascerão as identidades geradas por um autor ou um grupo específico, dentro de um contexto social privilegiado, num dado espaço e recorte temporal, que se nomeiam, se perpetuam e criam a alteridade⁴, deixando o outro à margem (aqui tratando de uma perspectiva de produções historiográficas) da história, tornando-o muitas vezes “sem história”, por considerar

⁴Para uma discussão sobre alteridade ver: *A Conquista da América: a questão do outro* Tzvetan Todorov.

suas características superiores e suficientes para o retrato de uma sociedade, de uma cultura, de um território.

A escrita de Pedro de Andrade sobre Aroeiras se faz excludente na medida em que escolhe poucos pontos para narrar, de forma que não fala com eficácia do que e como a cidade se consolida e quem participou de fato desse processo, pois os nomes citados como pertencente a essa história passam despercebidos do que temos como cidade, após todo o processo emancipatório e político. Quem foram os representantes populares que participam de todo esse movimento? Através de *Aroeiras Sua História*, não poderemos responder tais apontamentos.

Outro processo em volta da identidade, após sua criação, será o de fixação dessa produção. Como essa identidade será vista e aceita? Levando essa observação diretamente ao tema central de nossa discussão, a identidade que se quer criar para Aroeiras, será aceita de forma passiva, por componentes da mesma elite que a escreve, uma elite letrada e abastada, quem está à margem não terá, sequer, acesso a essa obra, ficando ainda mais fácil, num primeiro momento, este processo de difusão e fixação da identidade regional, sendo passada (quando isso é feito) de forma romantizada, para novas gerações de indivíduos que possivelmente não se identificarão com essa formulação de um padrão, os fatos e personagens citados na obra de Pedro de Andrade, poderão muito bem passarem despercebidos nas práticas cotidianas e/ou de caráter mais difuso, por simplesmente não serem fatores de peso, fatores que moldam e dão base a Aroeiras, mas que estão lá, citados em suas memórias como personagens principais, enquanto outras figuras são deixadas como coadjuvantes, perpetuando essa ideia de margem. Todas essas características citadas estão imersas no processo de representação, que dá vida a identidade e a diferença.

4.1 Identidade Nacional: Os Memorialistas Locais e a História “Oficial”

Na tradução, essa primeira escrita, tem o intuito de registrar tudo que se encontra e que deve ser exibido como grandioso e bom, sempre no sentido de exaltar, mostrando ao outro que determinado local possui signos de modernidade, tendo sempre em vista um ponto referencial, como uma cidade mais desenvolvida, tudo que tem de mais moderno, de “melhor”, será refinado para exposição nessa criação de uma história, de uma narrativa identitária, pois não desejar-se-á ser relacionado a algo “pequeno” ou “ruim”, os símbolos de identidade precisam ser algo que as pessoas se orgulhem em exibir, para que assim possam ser enraizados nas memórias sociais, pois

não adianta apenas estar escrito, as ideias precisam ser difundidas, para alcançarmos um patamar verossímil.

Veremos que na historiografia, essa será uma tendência, a criação de histórias que antes não estavam registradas, como podemos notar “A fundação do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1838, respondeu à lógica do contexto de emancipação política do país, norteando-se pela tarefa primeira de criar uma história para a nação” (MONTEIRO, 2013, p. 24). Neste sentido, torna-se rápida a identificação dessa tendência, que pretende seguir a história oficial, que será criada pelo IHGB⁵, seguindo essa estratégia das emancipações, quase que subitamente nascerá o desejo de narrar este caminho, registrando os fatos, elencando pontos principais e os personagens envolvidos no processo que se teve.

Forjado para realizar a monumental tarefa de copilar, metodizar e guardar fatos e nomes, no sentido de compor uma história nacional, almejava-se, nesse arranjo, a recriação de um passado singular a partir da ordenação dos fatos e da solidificação dos mitos de fundação. O IHGB vinha para satisfazer, assim, os critérios de uma vertente historiográfica eminentemente brasileira - formada não apenas por brasilienses, mas também por portugueses que assumiriam a nova nacionalidade -, cujo papel consistia em explicar a questão nacional, superando a narrativa das academias coloniais. (MONTEIRO, 2013, p. 24-25).

Veremos que assim como a tendência historiográfica seguirá esse rumo, acerca das primeiras narrativas constituídas sobre um local, outra tendência será a criação destes institutos, que se espalhará por todo o Brasil, que vai das maiores as menores cidades, possivelmente se desprendem da criação inicial do IHGB (a longo prazo e com as emergências dentro do campo da historiografia, as temáticas de abordagem vão sendo modificadas), mas sua base será a mesma, a fomentação e estímulo a preservação e discussão da história de seu local de abordagem.

Retomando o tema central de nossos apontamentos, deveremos saber que essa criação da memória e identidade nacional, que o IHGB queria, assim como a identidade que aqui trabalhamos (o caso de Aroeiras), possui uma força por trás, a força da mão que escreve, a força de um conjunto de cérebros que a pensam, e essa força motriz é a elite, que detém os meios de produção e assim implementam suas criações em todos os níveis da sociedade, para satisfação própria, de ordenar os objetos e sujeitos sociais de acordo com sua vontade. “[...]. Sua percepção

⁵ Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – aqui trataremos apenas pela sigla IHGB.

do que as elites que fizeram a Independência queriam para o Brasil foi decisiva para a construção de sua proposta exitosa. Mas o que queriam as elites para o Brasil?”. (MONTEIRO, 2013, p. 31).

Essa pergunta parece mover as narrativas históricas pioneiras. Se o acesso educacional, convencionalmente difícil, sempre foi um obstáculo a ser superado, os indivíduos de classe social abastada geralmente era quem recebia essa educação, assim sendo, eram os mesmos indivíduos que poderiam construir essa narrativa, visando um público, primeiro, de outros poucos letrados, de classe também elevada. Mas essa criação de uma identidade está para além do momento, ela deve ser ensinada, deve ser pregada, assim como uma religião, precisa ser defendida, pois é “boa”.

Sua narrativa da criação do Brasil pelos portugueses a partir da construção de heróis tornou-se, posteriormente, largamente reproduzida nos manuais didáticos, que ostentaram as imagens desses heróis, de forma a que seus semblantes fossem gravados pela população nacional que frequentava a escola, transcendendo seus rostos à própria menção de seus nomes. Definia-se, assim, uma identidade nacional almejada e minuciosamente planejada. (MONTEIRO, 2013, p. 60).

Essa emergência vai surgir nos quatro cantos do país, pois a identidade brasileira gerava outras identidades, identidades cada vez mais específicas, com seus novos heróis, heróis mais próximos de cada “realidade” (as realidades e representações também são criadas nestes processos), assim o desejo de cada local contar sua história, sua contribuição, como Raul Seixas cantava: “E você ainda acredita que é um doutor, padre ou policial que está contribuindo com sua parte para o nosso belo quadro social”, será inevitável, gerando sempre novas raízes, profundas, para esse viés historiográfico.

O destino do Brasil como nação, segundo Varnhagen, não estava em datas como 1817 e muito menos 1789, tempos e revoltas e insurreições. Em nome do discurso da centralização política e da unidade territorial do Império, base de sua narrativa, Varnhagen desvalorizou fatos históricos, ao tempo que celebrou e deu destaque a outros eventos e personagens. (MONTEIRO, 2013, p. 83).

Assim como os criadores da história são escolhidos, dentro das possibilidades de uma elite, eles por sua vez, ou a conjuntura por trás dele, também ditarão a escrita dessa história, quais os temas que merecem a luz da escrita, e quais temas deverão ficar de fora. Quando falamos em um tema que não é narrado, falamos de toda uma organização social que também ficará de fora, personagens e indivíduos que não terão representatividade alguma, ficam à margem dessas

narrativas, fora da história, da criação de uma identidade, onde todo esse conjunto ficará restrito a um grupo particular.

Encontraremos essa abordagem na obra de Pedro Paulo de Andrade, que tem em seu título uma ideia de abrangência de assuntos, de personagens, de fatos históricos, mas que na realidade podemos tratá-la como um apanhado organizado de suas ideias acerca daquilo que ele chama de história da cidade, elencando datas as quais ele elege como “notáveis” (ANDRADE, 1981, p. 39) que vão desde o surgimento do povoado, passa por acontecimentos políticos, outras informam sobre a chegada de signos do moderno a cidade, tratando ainda da inauguração de prédios e acontecimentos religiosos. Esses fatos registrados não deixam de ser de grande valia enquanto fonte para estudos, mas seria essa toda a história de Aroeiras? Todos os heróis que participam desses acontecimentos são tidos como figura de representação para todas as outras figuras que jamais serão citadas dentro desses acontecimentos? Até os heróis abordados serão poucos, sendo assim, podemos começar com essa consideração: o título de nossa obra de análise é superestimado.

5 O SEGUNDO AFORISMO: A REPRESENTAÇÃO

O conceito de identidade aqui ligar-se-á ao conceito de representação, no sentido de os dois, juntos, darem um maior significado a este processo de narrativa escrita, e por isso fixa/estável, dar origem a essa identificação sociocultural, atravessando o tempo, não considerando-o, e impondo o espelho de uma sociedade fechada ao todo desta sociedade, que diferente do livro concebido, é fluída, instável e em mudança constante de significados, onde nascem outras identidades, moldando o conceito de representação e identificação.

[...] de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991, p. 183).

Em Chartier veremos a constituição de mais uma definição acerca da representação, que assim como a nossa famigerada identidade, são construídas e essa construção, de ambas, é escolhida e determinada de forma excludente, padronizado e aumentando as valas que já existem “naturalmente” em todo e qualquer sistema, seja de uma cidade, seja de um determinado grupo mais isolado. Por isso a urgência destas releituras, leituras feitas para além do olhar de um público alvo que possuem um discernimento menor acerca desse olhar crítico, pois, talvez, este público já esteja tão acostumado a encontrar-se fora desses lugares de representação, que essas questões explícitas ou maquiadas dentro do contexto, não terão notoriedade, passando sempre despercebidas, ao olhar do “homem comum”.

Assim como a identidade essa representação é feita através da narrativa de Pedro de Andrada, tendo em vista que através desse processo de leitura e releitura podemos entender que a construção dessa obra é feita de forma excludente, pois não podemos ter uma ideia de como toda a transição de Aroeiras se deu, quem efetivamente/popularmente é conhecido nesse processo de cotidiano do lugar, obviamente que a elite está envolvida nesse processo de reconhecimento, mas apenas ela?

Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito. (CHARTIER, 1991, p.179).

E assim as estruturas da escrita historiográfica, marcada por uma rede de interesses, ou por um objetivo específico, perpetua-se e é louvada, dando ênfase a fatos, datas, heróis (onde os heróis também só poderão seguir um padrão de supremacia) perpetuando-se com esses dados uma visão muito banal do que é História, com conceitos pífios e ínfimos, onde a narrativa que tem o poder de ser uma arte e de renovar-se, acaba ficando à margem, a sua própria margem, pois não é aceita como as demais ciências, pois o passado “nem é tão importante assim”.

É imprescindível essas desconstruções de uma realidade social, que foi moldada num espaço de tempo, num contexto social, pois essas ideias se fixam, e quem não se identifica com essa identidade representada e exposta (o outro), se achará sempre fora, pois não há nada naquela leitura que lhe pertença, por isso as releituras historiográficas são uma nova emergência, dentro de tantas emergências dentro da história. “Identificar o modo como em diferentes lugares e

momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990: p.17) é essa a reconstrução que buscaremos aqui tratar.

Tendo ainda em vista outro conceito em torno da *representação*, pois através das inúmeras discussões feitas acerca do tema, novos significados vão surgindo, onde nos defrontamos com dois eixos dessa representação, o primeiro eixo seria o *realismo* dentro da representação, onde ela deve ser feita de forma total, em todos os seus signos, dando a ideia (como o próprio termo já explicita) de realidade. Mas aqui não nos atentaremos a este eixo, pois o segundo recebe a nomenclatura de *textualista* que é a abordagem que se segue.

Esta é a forma de compreensão chamada de textualista. Somente podemos conhecer as representações do passado que encontramos nos textos. De forma alguma o “real” pode ser apreendido, ainda mais em se tratando de um “real” situado no passado. O textualismo trata a ciência e a filosofia como gêneros literários e enfatiza a importância da linguagem. Assim, a referência perde importância e deixa de ser o fator mais relevante e o texto é analisado em seus princípios internos. Para o textualismo, a referência é apenas mais um entre os diversos jogos de linguagens possíveis. (SANTOS, 2011, p. 41).

Aqui teremos, de maneira mais direta, a ideia de que o texto, a obra escrita, a narrativa histórica, esconde em suas entrelinhas a realidade, e expõe a que é criada e mascarada, ao tratarmos de uma história nacional (uma narrativa local), o trabalho poderá ser, e geralmente é o que temos romantizado/exaltado/grandioso/brilhante, para essa ideia de representação do que se tem, do que se é, para que o diferente (o outro) perceba essas atribuições positivas. O textualismo poderá ser definido por uma romantização, aqui na abordagem de uma história local, pois a representação não será uma imagem fiel, como seria no eixo do *realismo*.

As obras de história, em linhas gerais, pretendem ser representações de um passado que existiu. Neste sentido, o discurso historiográfico almeja o convencimento de seus leitores sobre a realidade dos fatos nele apresentados. Desta maneira, representar significa referir por meio de símbolos a algo que está fora do texto. (SANTOS, 2011, p. 37).

Neste sentido, ainda, deveremos levar em consideração outro conceito, também trabalhado por Chartier (1900), as apropriações que serão feitas dessas representações textualistas, já que as obras dispostas ao público que é mutável, passará ao longo de sua existência física, por várias leituras, de indivíduos que terão suas próprias cargas de entendimento, como já foi dito outrora, o processo de leitura e significação é pessoal/individual,

assim as apropriações serão feitas, transformando os textos escritos, eles recebem novos signos, signos que nem ao menos o autor imaginou no momento de sua escrita, mas na apropriação da leitura e interpretação, dando ênfase na importância destas releituras das leituras e das escritas.

6 OLIVIA BARBOSA: OUTRA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE AROEIRENSE

A obra abre espaço para uma *carta aberta ao autor*, que merece aqui outro espaço, assim como no livro, uma análise voltada ao seu conteúdo, que difere do que foi abordado por Pedro Paulo de Andrade, já que sua escrita segue as linhas da história tradicional, imersa em vultos, grandes heróis, datações, recortes e construções.

“Agora, saindo do sério, vamos nos divertir dentro mesmo da história.”. (ANDRADE, 1981, p. 45). O que encontramos neste espaço menor é uma imensidão de memórias de uma aroeirense, que cresceu e narrou seu cenário, os fatos culturais que aqui se sucediam, e fez este comentário sem se dar conta do trabalho que estava gerando, saudosas memórias de uma identidade genuinamente aroeirense, que difere da identidade que Pedro Paulo de Andrade narra e nos é apresentada.

Então? Pode abrir-me a passagem, por favor? Vou entrando com alguns assuntos sobre o que eu tanto gostava de ver... ou ouvir contar pelos mais antigos... Hoje é minha vez de relembrar essas cousas. Vamos, então rever ou revistar juntos, cabeças baixas, olhos voltados para as páginas deste livro. (ANDRADE, 1981, p. 45).

Nesta abertura da carta já podemos notar que quem escreve fala de suas memórias, do que gostava de ver e ouvir, se estes conteúdos já estivessem relatados na parte principal da obra, como conteúdo da história real de Aroeiras, o rumo que essa carta aberta poderia seguir, talvez fosse diferente. “Agora vamos lembrar, mesmo, mesmo (!) o que foi cousa própria da nossa Aroeiras.”. (ANDRADE, 1981, p. 46), a ideia de pertencimento e de uma propriedade cultural pode ser vista nessa fala, já que todo o conteúdo de sua carta aberta estará voltado para eventos culturais, festivos e de recreação popular, assim como lendas que se difundem por toda cultura popular regional.

Os lugares de memória de uma cidade são também lugares de história. História e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade escoada. São representações que dão a ver um “acontecido” que, a rigor, não é mais verificável ou sujeito à repetição. Mas o tempo passado não é irrecuperável, uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens. Uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade. (PESAVENTO, 2008, p. 4).

É este lugar de memória de Olivia Barbosa, na obra de Pedro Paulo, que conseguimos enxergar de fato quem era Aroeiras, o que ali acontecia, a interação social, como se moldavam esses espaços de vivências, quais os personagens que faziam esse lugar, eram aquela listagem de nomes que a obra nos apresenta? Tratava-se de pessoas “normais”, que sem títulos grandiosos, sem participarem de batalhas nacionais/internacionais, estavam constituindo essa cidade, e as memórias de seus moradores, essa seria a identidade real, simples, que se apresenta na fala de Olivia, uma identidade sociocultural, desprendendo-se mais da que foi gerada, política/elitizada/heroicizada.

Você se lembra dos primeiros divertimentos da criança que era Aroeiras? Olhe aí: cavalo marinho, bumba meu boi, côco, pastoril... Isso durava a noite inteira mas não para nós; eu era gente “mirim” e seu Antônio Cosmo não gostava dos finais desses folguedos pois saía sempre cachaça, piadas, gracinhas sem graça, etc. (ANDRADE, 1981, p. 45).

Ao narrar essas memórias Olivia Barbosa coloca-se como participante desses divertimentos comuns ao cotidiano de Aroeiras, sendo ela sobrinha de Pedro de Andrade subentende-se que eles possuem uma relação de consumo da cidade parecida, dividindo os mesmo espaços sociais, mas as escritas de Aroeiras Sua História divergem, entendendo-se assim mais uma vez o que Pedro de Andrade buscava para sua primeira escrita: registrar os fatos que eram considerados importantes e grandiosos ao seu olhar, tendo em vista seu lugar de fala como elite, ele falava de si e do outro, mas esse outro precisava equiparar-se ao seu status, pois só assim terá espaço em sua fala.

Com essa carta aberta fechamos ainda mais nossa análise da obra, pois todos os apontamentos que fazemos sobre o autor, seu lugar social e quando dizemos que sua narrativa é seletiva e fechada a uma classe mais abastada ou a indivíduos que apenas passaram em Aroeiras (mas que se destacaram em algum outro lugar) são claramente afirmados por essa memória de uma “popular” independente da classe, que sente a mesma falta que sentimos, de uma narrativa

da cidade voltada para as práticas e personagens do cotidiano, vividos/conhecidos por uma grande maioria de cidadãos.

Pedro de Andrade e Olivia Barbosa tocarão em um assunto em comum, a chegada da eletricidade em Aroeiras. E assim nos escreve Pedro de Andrade dentro do capítulo VIII – As Datas Notáveis: “16 de julho de 1936 – Inauguração do serviço de luz elétrica, pelo então prefeito de Umbuzeiro, Dr. Carlos da Silva Pessoa.” (ANDRADE, 1981, p. 41), esse comentário nos faz essencial, a datação da chegada de um dos símbolos modernos em Aroeiras, quando essa ainda não era cidade. Mas para Olivia Barbosa a narrativa já se faz de forma diferente, expondo outras vertentes da cidade

Ao anoitecer, as luzes que se acendiam, naquela época, eram de azeite de carrapateira numa candeia de ferro, colocada na parede. Depois foram chegando os candieiros de querosene. E, bem mais tarde, luzes de carbureto, depois lâmpadas de álcool. Custou, mas afinal chegou, o uso da luz elétrica. (ANDRADE, 1981, p. 48).

Sua narrativa não trata de datações (que se faz importante), mas trata-se de falar da transição que Aroeiras passa até a chegada da eletricidade, pois essas memórias marcam, essas mudanças da falta de luz e da utilização de cada item elencado é gravado na memória popular e essas narrativas se fazem indispensáveis quando buscamos compreender um lugar e para isso os lugares de memória precisam ser explorado e assim a análise se faz mais precisa da cidade que se tinha e de como ela foi mudando e como essas mudanças foram vistas e consumidas pelo público consumidor.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após essa análise percebe-se o que queria Pedro de Andrade com a escrita de sua primeira obra sobre Aroeiras (cidade onde não nasceu, como nos aponta um dos primeiros relatos a respeito do autor na abertura da obra). Como elite e participante ativo do que a cidade dispunha achou necessário registrar esses fatos que, evidentemente, precisaram de um levantamento bibliográfico, restando a este seu primeiro livro essa mesma importância, pois para a pesquisa é preciso que aja esse movimento de datações e de personagens, mas sabemos que a história está

para além dessa face e nos permite uma infinidade de abordagens e de olhares para aquilo que já foi abordado.

Diferentemente de uma abordagem historiográfica o que Pedro Paulo traça como *Aroeiras Sua História* prende-se apenas a nomes de pessoas que possuíam prestígio perante a pacata cidade, os mesmos nomes em sua maioria não estão marcados na cidade, como ocorrerá com o nome do próprio Pedro de Andrade que está à frente da câmara municipal visualizado assim que chegamos em Aroeiras. Assim o destaque que ele se dá em sua obra é mais válido do que as várias pessoas mencionadas, que não vão ter essa mesma receptividade como figura pública como ele terá.

Outras perspectivas caberiam a sua obra, mas seriam outras, não seria a sua, não seria direcionada de seu papel de elite, como comerciante/político sempre esteve em uma posição abastada das demais, pois para a sua época ocupar tais lugares e ser indicado para outros não estava disposto para cidadãos comuns. Assim sua análise é pertinente ao seu lugar de fala, aos personagens de seu convívio, então a partir disso entendemos o que ele queria criar como identidade aroeirense, uma identidade de indivíduos que alcançaram sempre patamares mais elevados, pois para as gerações futuras ou para “estrangeiros” que tivessem acesso a sua obra logo notariam a eminente importância desse lugar: Aroeiras mãe de grandes personagens.

Talvez o intuito de narrar pioneiramente essa história aroeirense fosse mais pessoal, enfatizando que ele é comentado em sua obra por outras pessoas e por ele mesmo, se colocando na luta pelos direitos de Aroeiras e assim pelo bem comum, talvez essa análise seja perspicaz ao ponto de achar que Pedro de Andrade teve o escopo de escrever essa identidade, mas evidentemente essa é mais uma releitura do memorialista que ele acabou se tornando, independentemente dos fatos escolhidos para narrar, ele fez isso. Esse foi o seu papel desbravador para Aroeiras.

Desse modo, Pedro de Andrade entrará e se colocará na história de onde viveu e trabalhou, quando decide contar a história de Aroeiras faz isso através do que resolveu coletar de dados/fontes, e seu nome está imposto por toda a obra e isso faz com que a imagem benevolente e grandiosa da cidade que se passa a narrar destine-se ainda mais a sua figura enquanto cidadão, podendo isso ser encontrado em outras obras (primordialmente em sua obra - *Aroeiras Sua História*) tornando esse livro parte de uma produção de memorialistas que foi feita

nacionalmente: imposição de nomes, datas, símbolos que muitas vezes essa famigerada grandiosidade pode ser resumida a poucas páginas e passam a integrar o esquecimento coletivo, como também fizeram quando decidem narrar, deixando demasiadas questões de fora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos Cariris velhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1979.

ANDRADE, Pedro Paulo de. **Aroeiras Sua História**. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé LTDA, 1981.

Aroeiras, Dudé das. **Pedras de Riachos/Dudé das Aroeiras**. – João Pessoa: Idéia, 2003. 183 p.

ARÓSTEGUI, Julio. **O processo metodológico e a documentação histórica**. In: A pesquisa histórica: teoria e método. Bauru, SP: Edusc, 2006.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 jul. 2020.

_____. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

GOMES, Iordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)**. - Campina Grande, 2012.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Retórica da alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. São Paulo: Hedra, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, Memória e Centralidade Urbana**. Ver. Mosaico, v.1, p. 3-12, jan. /Jun., 2008.

_____. **A cor da alma: ambivalências e ambiguidades da identidade nacional**. Ensaios FEE, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 123-133, 1999.

_____. **Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário.** Rev. Bras. De Hist. São Paulo. V.15, nº 29, p. 9-27, 1995.

_____. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Ricoeur, Paul, 1913. A memória, a história, o esquecimento / Paul Ricoeur – tradução: Alain François [et al.]. – Campinas, SP. Editora Unicamp, 2007.

SANTOS, D. V. C. DOS. ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO. **Revista de Teoria da História - Journal of Theory of History**, v. 6, n. 2, p. 27-53, 11.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ANEXOS

Imagens dispostas na obra - *Aroeiras Sua História*.

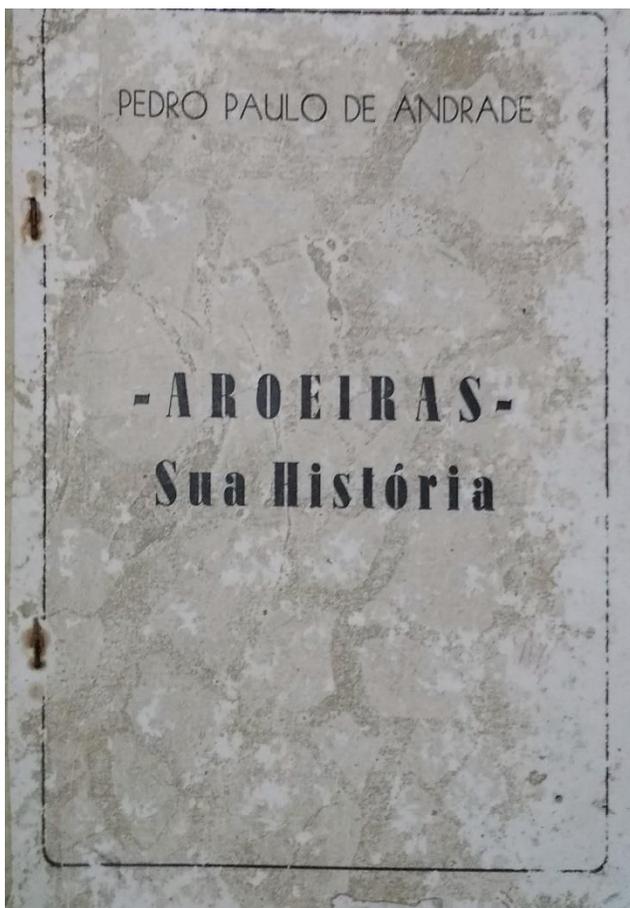


Figura 01: Capa da obra

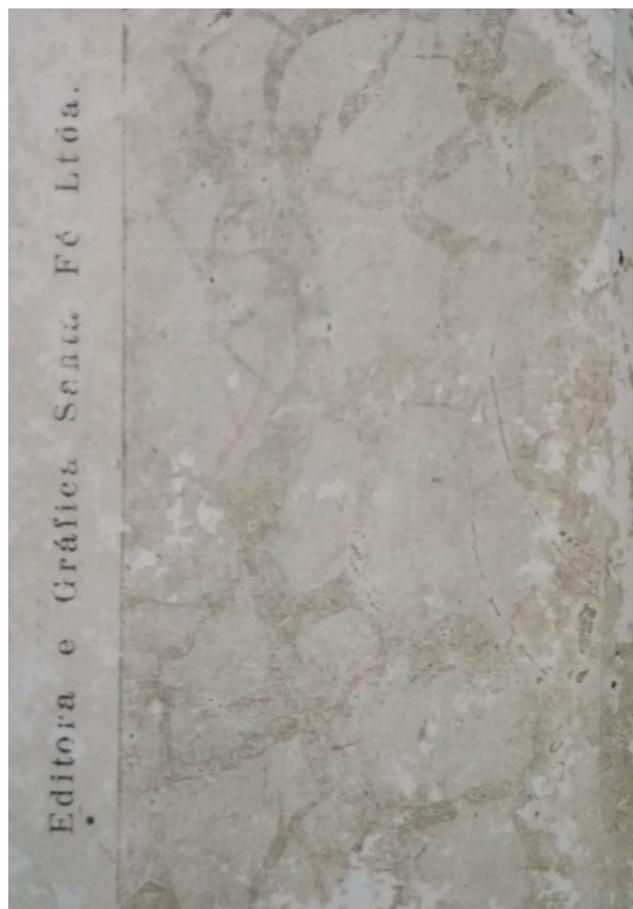


Figura 02: Capa final da obra



Figura 03: Autor da obra
(ANDRADE, 1981 p. 03).

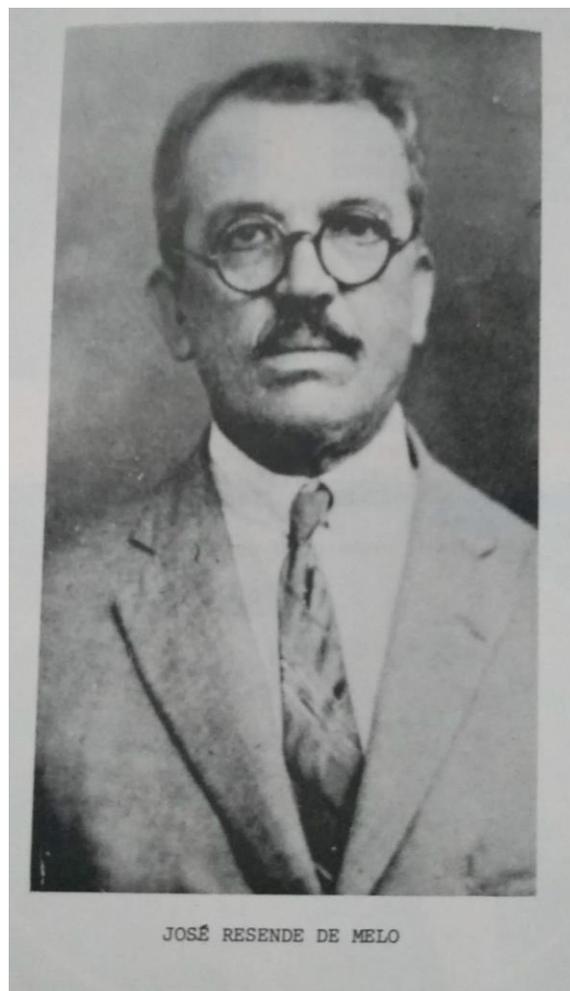
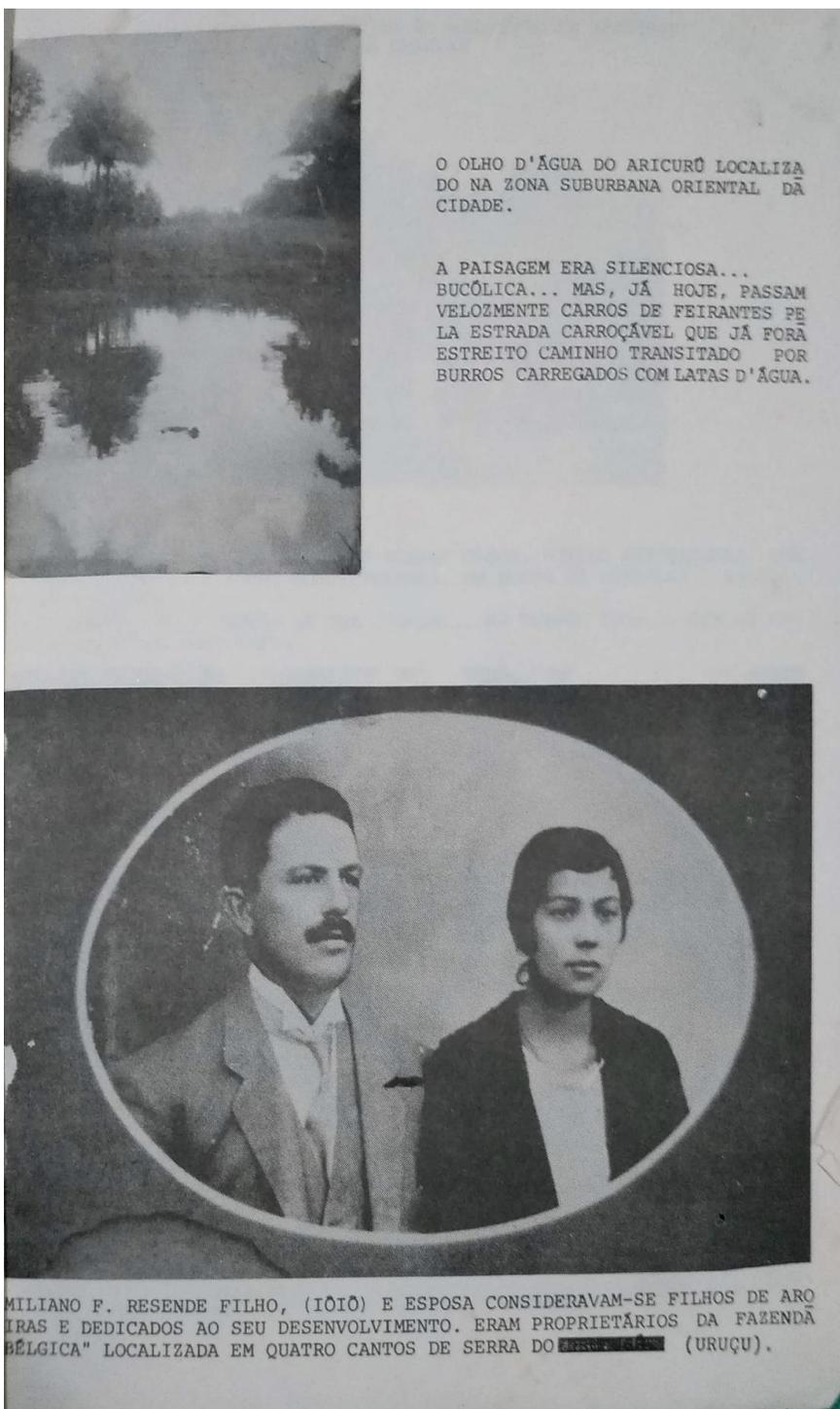


Figura 04: Personagem do capítulo IV
(ANDRADE, 1981 p. 56).



Figuras 05 e 06

(ANDRADE, 1981 p. 53)

A PRIMEIRA CASA CONSTRUÍDA NO MUNICÍPIO DE AROEIRAS
A CEM METROS AO NORTE DO ARICURÚ.

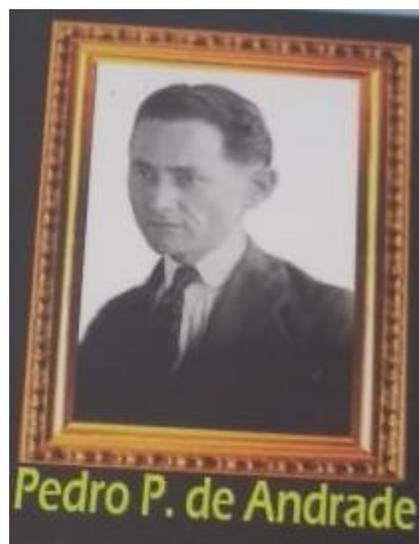


QUANDO ANOITECE, VÃO SURGINDO AOS NOSSOS OLHOS, MUITAS ESTRELINHAS, UMA
... MAIS OUTRA... E LOGO, NOITE FECHADA, UM MUNDO DE ESTRELAS, SALPICA
E LUZ O ESPAÇO.
ASSIM TAMBÉM ERA O COMEÇO DE UMA CIDADE... EM TEMPOS IDOS... SEM OS PRO
ÍGIOS DA ATUAL ENGENHARIA.



AROERAS HOJE

Figuras 07 e 08
(ANDRADE, 1981 p. 55)



Figuras: 09, 10, 11, 12, 13 – In Memoriam

Acervo pessoal

AGRADECIMENTOS

Rendo graças ao bom Pai Celestial que está sempre à frente, deste e de qualquer outro projeto. Sem Ele, em sua Trindade amorosa, nada disso poderia ser concretizado.

Agradeço a minha família, que é composta por amigos e vários agregados, que foge dos padrões tradicionais de família, mas que nunca deixou faltar compreensão e ajuda, desempenhando assim o seu papel primordial.

Como sou grata por essa família que recebi: Alison, Emanuel, Gustavo, Rafael, Mirelle, Natália, Daíse, José Túlio. Cada um desses nomes é responsável pelo término dessa jornada, que ficou ainda mais leve com tanto amor compartilhado.

São inúmeros os amigos que recebi neste processo. Com carinho agradeço a Roberto Carlos por toda ajuda, por compartilhar um pouco de sua luz comigo.

A Rafael Garcia por nunca me deixar sozinha, mesmo estando longe fisicamente. Sua intercessão foi imprescindível em toda essa construção. Obrigada por tanto, professor.

Beatriz Freire obrigada por ser mais uma agregada de nossa turma, pelo show de Humberto Gessinger, por todas as teorias criadas e por nossa amizade.

Aos meus pais (Eliane e Valberto) que compartilham o sonho de um diploma comigo. Aos meus irmãos, Fernanda e Miguel, que nem imaginam, mas me dão forças para ser uma pessoa melhor.

Aos meus avós paternos que sempre cuidaram de mim, estendendo seus papéis de pais, e fazem isso de maneira exemplar. Não há como descrever a gratidão por todos os dias. Minhas tias Vilma e Valbertina, que também ajudaram em minha criação, servindo de exemplos intelectuais e de força de vontade para vencer qualquer obstáculo.

Com amor agradeço a Raul Bruno por me instigar e por melhorar os meus dias de uma maneira ímpar!

A minha magnífica orientadora: Hilmária Xavier. Exemplo de integridade, de amiga e profissional. Quando crescer quero ser igualzinha. Exala poesia em tudo que faz!

Aos professores que me ajudaram a passar por este processo e que deixaram um pouco de contribuição em todos os campos: Jomário, Matusalém, Alberto, Adonhiran. Ao professor e conterrâneo Iordan por toda ajuda com fontes e aconselhamentos para esta produção.

Como não mencionar Moisés? Não sobreviveria a 50% deste curso sem o elixir mágico diário (café).

A Willy por fingir que não me ama e não se preocupa comigo, há mais de 20 anos. Laís por reaparecer na minha jornada educativa e ser peça chave com sua alegria louca contagiante, além de confidente. Élide por dividir tudo comigo e por ser meu colo amigo. Os três tornam as viagens de ida e volta da universidade um fardo menos pesado.

Franciel e Letícia que me ajudaram na busca de fontes. Obrigada! São exemplos para mim que vão além do campo profissional.

Estendo esses agradecimentos a Pedro e Ismaell por toda ajuda, atenção e amizade! Ainda agradeço a Milena Dôso por desempenhar o mesmo papel.

Ao meu amigo Lucas Batista que sempre me socorre com conselhos, cerveja e abrigo. Um jornalista nato, que merece o mundo.

Não poderia deixar de mencionar: Paloma, Jáfia, Erika, Iara, Darlanny, Etiane, Rafaela. Que melhoram meus dias e que de alguma forma contribuíram em minha vida.

Sou grata a disponibilidade de aceite dos professores que compuseram a banca. As orientações/ajudas serão exploradas!

Sem todos estes que foram mencionados, sem toda essa ajuda, sem todo este amor e companheirismo, exposto em suas diversas faces, eu não teria um trabalho de conclusão para poder agradecer e enaltecer tudo o que estes significam e continuarão significando para mim e para esta pequena parte de uma longa jornada dedicada a Clio e sua narrativa.